

## ***Entre máquinas: a produção maquínica de Deleuze e Guattari***

Zamara Araujo dos Santos\*

**Resumo:** O objetivo desse artigo consiste em apresentar o conceito de máquina em Deleuze e Guattari. As máquinas definem uma dimensão plural de conexões e acoplamentos, envolvendo um sistema de corte de fluxo, compondo com os agenciamentos sociais e históricos uma produção maquínica de corpos e territórios atuando em linhas de desterritorialização. Para além da técnica e da estrutura, tratar-se-á de um campo de relações *entre* máquinas que maquinam nos processos de produção social, uma produção maquínica cuja potência opera num plano de consistência determinado pelo desejo, aliando a dimensão do *socius* à produção desejante.

**Palavras-chave:** Máquina, produção maquínica, desejo, Deleuze, Guattari.

## ***Entre les machines: la production machinique de Deleuze et Guattari***

**Resumé:** Le but de cet article est de présenter le concept de machine chez Deleuze et Guattari. Les machines définissent une dimension plurelle de connexions et de couplages, faisant intervenir un système de coupe de flux, composant avec les agencements sociales et historiques une production machinique de corps et territoires agissant en lignes de déterritorialisation. Au delà de la technique et de la structure, il s'agit d'un champ de relations *entre* des machines qui machinent dans des processus de production sociale, une production machinique dont la puissance opère sur un plan de consistance déterminé par le désis, combinant la dimension du socius avec la production désirée.

**Mots-clefs:** Machine, production machinique, désir, Deleuze, Guattari.

Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. Uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta [...]. É assim que todos somos '*bricoleurs*'; cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, sempre fluxos e cortes. (DELEUZE/GUATTARI, 2010, p. 11).

Ao colocar no centro de sua filosofia o conceito de máquina, Deleuze e Guattari traçam um diagnóstico do pensamento e vida, dos processos sociais e de subjetivação, demarcando então, os sistemas, bem como seu funcionamento, que conectam o campo

---

\* Doutora em Filosofia pela UNICAMP e PARIS X. Professora Titular de Filosofia da UESB. Contato: zamaraa@hotmail.com

social e individual às engrenagens de uma produção maquínica. Desse modo, conferem um novo estatuto ao regime de produção social subvertendo a imagem tradicional de constituição da sociedade baseada em um modelo homogêneo subordinada às estruturas formais e binárias. Substituem a configuração estática introduzindo um elemento empírico e dinâmico, um campo de relação de forças e conexões transversais que conjuga a dimensão psíquica e o campo energético conduzindo o enlace entre pensamento, natureza, corpo e sociedade à atividade de uma “máquina”, uma produção maquínica cuja potência opera num plano de consistência determinado pelo desejo, aliando a dimensão do *socius* à produção desejante.

O conceito de máquina responde a um problema de base: Como situar a contingência e a multiplicidade em sua determinação imanente e rizomática, um campo de heterogêneos e transversalidades, nos processos de produção social? Nesse prisma, ainda podemos lançar algumas questões. Sob que condições podemos pensar o vínculo entre natureza, dimensão social, pensamento e matéria de forma heterogênea e dinâmica superando o universalismo e supostas ambivalências? De que maneira a potência desejante se insere na produção social e nos regimes de signos? Que tipo de produção constitui o campo subjetivo e social como determinação da máquina capitalista? Na esteira desse campo de problemas, a máquina constitui a superação de estruturas dicotômicas, a supressão da ambivalência na relação entre natureza e sociedade, instinto e instituição, matéria e energia, corpo e níveis psíquicos, cognitivos, afetivos..., e demarca o vínculo entre pensamento, matéria e corpo que pode ser delineado nos seguintes aspectos: primeiro, invoca uma avaliação clínica dos afetos e das condições de efetuação do desejo; segundo, encerra uma perspectiva crítica aos critérios de avaliação concernentes à instituição, à sociedade e suas relações, conjugando os mecanismos de produção social, de funcionamento das instituições e os regimes de subjetivação.

Guattari sustenta que o “movimento da história” se singulariza no “cruzamento de universos maquínicos heterogêneos”<sup>1</sup>, compreendendo dimensões e temporalidades distintas que perpassam variados contextos sociais. As máquinas atravessam contextos históricos e mutações que não concernem ao mecanicismo nem comporta percursos

---

<sup>1</sup> Guattari destaca o papel histórico da máquina nos contextos sociais e uma associação de variados tipos de máquinas: “máquina neolítica”, “máquina da língua falada”, “máquinas de pedra talhada”, “máquinas agrárias fundadas na seleção dos grãos” e uma “proto-economia aldeã”; “máquina escritural” com o surgimento das “megamáquinas urbanas (Lewis Mumford), correlativas à implantação dos impérios arcaicos”; “grandes máquinas nômades” instituídas a partir da combinação entre “máquinas metalúrgicas” e “novas máquinas de guerra”. GUATTARI, *Caosmose*, p. 53.

homogêneos e lineares, pois decorrem de uma subsunção do desenvolvimento social à evolução da natureza. A conversão que se opera no plano das conexões entre natureza e sociedade aponta para uma inflexão sobre um campo de contingência definido por operações que figuram no campo de forças maquínicas, sua potência empírica e imanente. Assim, com a noção de “máquina”, Deleuze e Guattari consagram uma perspectiva imanentista aliando as forças de produção aos sistemas de produção social, e sob esse traçado indicam os expedientes que regulam as relações e os contextos sociais segundo máquinas que os fazem funcionar como um processo dinâmico e heterogêneo. Estabelecem as condições de ultrapassamento da visão estática e estrutural acerca da relação natureza e sociedade para conjugar no cruzamento de forças maquínicas os mecanismos de produção social, os processos de subjetivação e o funcionamento das instituições articulado às forças de produção, aos sistemas e processos de produção social inerentes à máquina de produção capitalista, máquinas capitalistas que operam com seus investimentos, descodificações e capturas...

Para melhor compreender tais conexões e processos é preciso traçar uma genealogia das condições de sua determinação, as relações implicadas na constituição das máquinas e a produção maquínica. Para tanto, é preciso recuperar as análises que associam natureza e sociedade, instinto e instituição, dimensões conjuradas de forma imanente e potencializadora, em relações exteriores que lhes confere um caráter embrionário ao plano de consistência inerente à produção maquínica que liga natureza, pensamento e vida nos variados contextos sociais.

No âmbito das teses sobre Hume<sup>2</sup>, em *Empirisme et subjectivité* (1953), Deleuze promove uma torção nas relações entre natureza e sociedade que lhes confere um caráter ativo e inventivo. Substitui a concepção tradicional e abstrata do *socius* submetido à lei e ao contrato por uma visão imanente que compreende o vínculo entre natureza e sociedade a partir de uma subversão e um deslocamento que articula instituição, tendência e meio de satisfação. Se o vínculo entre natureza e sociedade se constitui como uma inventividade, a instituição, por sua vez, tampouco se define como uma dimensão estática e transcendente. O liame entre natureza e instituição e suas fronteiras são regidas por relações exteriores aos seus termos. Essa questão será retomada em um pequeno texto intitulado *Instincts et institutions* (1955). Ao analisar as determinações empíricas do

---

<sup>2</sup> Deleuze retoma no texto de 55, as análises de *Empirisme et subjectivité* (1953), definindo a instituição como “modelo de ação” e meio de satisfação.

instinto e da instituição, Deleuze objeta que a relação entre eles seja de oposição ou exclusão, como se a instituição designasse um estágio superior supondo um desvio ou negação do instinto tendo em vista funções e finalidades contrapostas. Contrariamente, o instinto e a instituição se movem em torno de um mesmo objetivo, sua satisfação, e partilham da mesma busca pelos meios de sua satisfação e por isso designam “procedimentos de satisfação”<sup>3</sup>. Nesse sentido, Deleuze recusa, à luz das críticas de Hume, as noções de lei e de contrato como fonte de explicação da relação entre natureza e sociedade, resgatando, na esteira dessa crítica, a ideia da instituição como “modelo de ações” e “meio de satisfação”. A ligação entre natureza e sociedade, instinto e instituição não se determina pelo contrato nem pela lei, mas por uma capacidade inventiva, por uma atividade e dinamismos que implicam uma conversão de relações exteriores aos seus termos conferindo-lhes o estatuto de uma matéria ativa e de composição mútua.

Descolada de uma visão estática da sociedade e do modelo mecanicista da natureza, o ponto de convergência da natureza com a sociedade segue as condições e movimento de forças múltiplas e irreduzíveis; forças que, desvinculadas da relação matéria e forma e sua subordinação a uma substância ou essência, tal como na visão tradicional, operam como uma máquina cuja potência é capaz de captar todas as forças no plano das intensidades e da diferença. No rastro da filosofia de Nietzsche, a relação de multiplicidade de forças e vontade de potência impõem a emergência de um princípio diferencial e imanente, problema que perpassa as teses de *Différence et répétition* e será radicalizado nas análises tardias de Deleuze e Guattari. A partir daí, a imagem do *socius* segue os arranjos e produção de um elemento exterior de dimensões maquínicas atuando como forças cujas relações se conjuram na imanência. A máquina concerne ao campo de produção social e constitui a dimensão desejante, compondo peças, engrenagens e engendramento de forças que implicam correntes de fluxo e cortes de fluxo.

Num artigo publicado no final dos anos 60, intitulado *Machine et structure* (1969)<sup>4</sup>, ao contrapor o estruturalismo ao domínio de uma máquina como potência do real, Guattari censura o universalismo estruturalista por sua compreensão estática acerca da realidade social e concebe os processos de produção e distribuição social relacionado ao acontecimento e aos processos de subjetivação como um processo inerente a um sistema de máquinas. Como assinala François Dosse (2007), Guattari intenta nesse texto

---

<sup>3</sup> Deleuze, G. “Instintos e instituições”, p. 134-137.

<sup>4</sup> Artigo apresentado originalmente em 1969, publicado na revista *Change*, n. 12, Seul, 1972, republicado em *Psychanalyse et transversalité*, em 1972.

demonstrar os pontos críticos relativos à noção de estrutura e a urgência de uma ruptura que se impõe, pois “contra a estrutura, que se define pela sua capacidade de mudança de elementos particulares, a máquina revelaria a repetição, mas no sentido onde entende Deleuze, quer dizer, a repetição como diferença” (DOSSE, 2007, p. 269)”. No referido texto, Guattari evoca o conceito de « diferença » que Deleuze desenvolve em *Différence et répétition* e a de « acontecimento » em *Logique du sens*, e atenta para a necessidade de atribuir um elemento determinante na produção da diferença, uma dimensão que opere não de modo uniforme e linear, mas que se regule numa constituição do tempo como acontecimento: “A temporalização penetra a máquina por toda parte e não se pode situar-se em relação a ela senão à maneira de um acontecimento. O surgimento da máquina marca uma data, um corte, não homogêneo à uma representação estrutural”<sup>5</sup>. O que define a máquina não é a estrutura, mas os cortes e acoplamentos, conjunção de peças e circuitos que correm e se cruzam, que maquinam entre si e fazem máquina continuamente. A máquina é o meio, a condição capaz de introduzir o elemento diferenciante. Entretanto, é preciso subtrair os vestígios do mecanismo técnico, estrutural, para concebê-la na sua totalidade como um conjunto dinâmico de conexões de forças plurais, heterogêneas e transversais. Se esse dinamismo encontra aderência na ideia de repetição concebida como diferença em *Différence et répétition*, como um princípio imanente e sua irredutibilidade à identidade, a máquina intervém como dimensão ativa capaz de incorporar o acontecimento e o movimento como elemento diferenciante.

Se em *Lógica do sentido* a estrutura recobre a dimensão de uma “máquina de produção de sentido incorporal” (DELEUZE, 1982, 74), isso parece subscrever o caráter operatório das condições de efetuação do plano de superfície. Mas seria o caso, então, de apontar uma escala de referências que nos autoriza situar Deleuze como tributário do estruturalismo?<sup>6</sup> Obviamente que não. O que se percebe é da ordem de um paradoxo

---

<sup>5</sup> Guattari, F., “Machine et structure”, In: *Psychanalyse et transversalité*, p. 241. Nesse texto, referindo-se à Deleuze, Guattari exalta a obra de Deleuze e celebra a novidade do conceito de “acontecimento”, em *Logique du sens*, e da concepção de “repetição” como “diferença”, em *Différence et répétition*, mas avalia a necessidade de um elemento capaz de ultrapassar um possível dualismo em relação às noções de “sentido” e “efeitos de superfície” ainda presente “na definição deleuziana de estrutura” (DOSSE, 2007, 169), e adverte para a necessidade de uma posição crítica, algo que realizará de forma radical em sua obra conjunta com Deleuze. François Dosse destaca as várias passagens de *Logique du sens*, nas quais Deleuze dialoga com o estruturalismo e seus precursores, transitando em paralelo por determinados conceitos, de modo que nesta obra se encontra, de acordo com Dosse, “a ambivalência frente ao estruturalismo já presente em sua tese, essa mistura de fascinação por um método que permite, em torno de um ponto zero, de uma caixa vazia, de fazer circular o sentido sobre um plano de superfície”, DOSSE, 2007, p. 274.

<sup>6</sup> Deleuze escreve o artigo “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?”, em 68, a pedido de François Châtelet para sua obra sobre a História da Filosofia. Nesse texto, republicado no livro *Ilha deserta*, Deleuze

frente ao problema do “signo” e “do sentido” e as condições para sua efetuação fora das essências. Como adverte Dosse, Deleuze observa no estruturalismo a possibilidade de “ultrapassar fronteiras”, e entrevê nessa “orientação a liberação da transcendência, uma valorização do plano de imanência”<sup>7</sup>. Vale ressaltar a reorientação de problemas mobilizados por acontecimentos políticos (maio de 68) e pelo encontro com Guattari. Na avaliação de Lapoujade (2015), Deleuze se depara com o “impasse provisório que se une através das reivindicações opostas do perverso e do esquizofrênico”, para afirmar, com Guattari, o “esquizo e seus processos”. Num texto de 1973, Deleuze afirma que o que lhe interessa não é mais a oposição “superfície-profundidade”, mas as relações entre o corpo pleno, um corpo sem órgãos, e os fluxos que fluem”<sup>8</sup>. Na avaliação de Lapoujade, o que muda nesse percurso é da ordem de duas operações. A primeira consiste em sair da questão “o que isso quer dizer?” e a exigência de sentido que supõe”, para uma indagação sobre “como isso funciona”; aliado a isso há ainda uma segunda operação que implode definitivamente a estrutura e conseqüentemente acarreta a “dispersão do sentido”, que é a de inserir no sistema um “corpo sem órgãos” (LAPOUJADE, 2015, pp.142-144).

Notadamente, considerando os interesses compartilhados nesse encontro Deleuze-Guattari, podemos presumir que, se por um lado a diferença e seu plano de imanência interdita a clausura na unidade e na identidade, por outro, a máquina intervém como dimensão ativa, prática, capaz duplamente de suprimir o primado da estrutura e de incorporar o acontecimento e o movimento como elemento diferenciante, de onde se alcançará as condições concretas para a ruptura com o estruturalismo. O sistema de produção maquínica definido por Guattari consiste numa ruptura com o estruturalismo porque ele contém as condições concretas dessa ruptura; a máquina consiste em produção, “funciona” como produção, não produção técnica, mecânica, mas produção da diferença, uma produção que se refere à um corpo sem órgãos que é da ordem do desejo, produção

---

apresenta o paradigma do estruturalismo, os campos de domínio, as características e enumera seus critérios, traçando um histórico de autores e seu desenvolvimento na filosofia.

<sup>7</sup> De acordo com Dosse, o texto “Machine et structure” de Guattari, fascinará Deleuze, sobretudo “pelo avanço sobre o plano da crítica ao estruturalismo”. Para o autor, Deleuze procura “ultrapassar fronteiras”, e nisso, “o indicador da possível maquinaria produtiva de sentido que ele deseja ver se desenvolver na sua proliferação livre para fazer emergir as singularidades pré-individuais”, cf. DOSSE, 2007, p. 275. De fato, verifica-se um impasse no texto de Deleuze frente ao estruturalismo, como podemos constatar em algumas passagens de *Lógica do sentido*, como por exemplo: “A estrutura é verdadeiramente uma máquina de produção de sentido incorporal” [...]; “a importância do estruturalismo em filosofia, e para o pensamento em geral, mede-se por isto: por ele deslocar as fronteiras. Quando a noção de sentido tomou o lugar das Essências desfalecentes, a fronteira filosófica pareceu instalar-se entre aqueles que ligavam o sentido a uma nova transcendência, novo avatar de Deus, céu transformado, profundidade novamente cavada, subterrânea”, cf. Deleuze, *Lógica do sentido*, p. 74.

<sup>8</sup> Deleuze, *A ilha deserta*, p. 329.

desejante, e é isso que levará à cabo com Deleuze. Nesse sentido, a máquina estabelece o abandono do significante como representação do real e interdita definir o campo social e a linguagem a partir de um equilíbrio estrutural subjacente, tal como definido na semiologia de Saussure com o predomínio do significante, e na subordinação do inconsciente à linguagem, em Lacan. A língua e o inconsciente supõem um regime de produção maquínica e implicam um agenciamento maquínico<sup>9</sup>. Contra o domínio do regime significante, é preciso invocar um dinamismo inerente às forças desestruturantes que agem à maneira de uma «máquina infernal» (GUATTARI, p. 244) “irredutível”, “inassimilável”, instaurando a demolição de toda forma de equilíbrio, de homogeneidade e de representação.

Sob quais condições pode-se imputar à máquina tal capacidade e dinamismo? Vale ressaltar que as acepções em torno da noção de máquina recobrem uma dimensão determinada por sua funcionalidade técnica, constituindo um conjunto uniforme de peças dispostas de forma isolada e conectada a uma mesma engrenagem. Deleuze e Guattari promovem uma desconstrução das caracterizações que a noção máquina envolve em suas mais variadas formas, marcada por uma clivagem seja em sua dimensão técnica, seja na mecanicista.... Guattari reivindica que só há máquinas, sem dualismo, sem metáfora, situadas numa linha evolutiva, coletiva, heterogênea. A noção clássica de *techne* tal como define Aristóteles figura como um desenvolvimento da esfera prática separada da natureza e suas determinações, revestida de uma dimensão moral seja no alcance do “justo meio”, da justa conduta na cidade, ou no controle ou supressão da *hybris*; a esfera técnica situa-se como um prolongamento e posição contígua capaz de ultrapassar os limites da natureza atuando no que lhe escapa, criando o que ela não pode, mas subordinada ao dualismo preconizado pelas noções matéria-forma e substância-atributo. Na visão mecanicista, essa clivagem ganha seu apogeu face a um dualismo que subtrai da máquina todo o conteúdo, criando uma espécie de clausura em virtude da qual sua relação com o exterior é codificada (GUATTARI, 1992, 1986), e nesse caso, a máquina se constitui como instância adjacente à natureza, ultrapassando os limites de sua realização. Em todas essas configurações, a máquina se constitui como um campo inerte, sendo uma decorrência do que se realiza em separado e por isso, para além dos limites da natureza, qualificando-se como subproduto, uma subclasse. Do mesmo modo, deve-se recusar o

---

<sup>9</sup> Sauvagnargues aponta as análises de Deleuze e Guattari ao tomar Marx como referência no confronto com Lacan, lembrando que “a língua não basta para codificar o inconsciente”, pois ele não se produz de forma abstrata, mas historicamente e num agenciamento social (SAUVAGNARGUES, 2012, 43).

estatuto ontológico da *techne* como “desvelamento da verdade” preconizada por Heidegger, pois a máquina não é somente técnica, é também social, mental, afetiva, campo de energia, de permuta, de ruptura...

A conversão da matéria subsumida ao tempo e perpassada pelo acontecimento implica um descolamento de noções clássicas e abstratas que contornam o par matéria-forma e categorias como substância, atributo, universal..., permitindo assim um mergulho na contingência, que, tal como assevera Nietzsche, constitui a irrupção de forças irreduzíveis. Deleuze e Guattari, partem da análise de Simondon em sua crítica ao “esquema hilemórfico” e de seus “pressupostos sociais”, ao confrontar o esquema forma-matéria e sua limitação substituindo a subordinação da matéria à forma por “um esquema dinâmico, matéria provida de singularidades-forças ou condições energéticas de um sistema”<sup>10</sup> que promove uma transformação das relações ciência-técnica. A substituição dos pares matéria-forma e substância-atributo por um “acoplamento matéria-forças” faz emergir uma matéria molecularizada.

Para Deleuze e Guattari, a máquina é “matéria” viva alheia ao simbólico ou metafórico, sem regimes de subordinação e sem dualismos “Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. Uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta” (DELEUZE/GUATTARI, 2010, p. 11), e os cortes efetuam extrações sobre o fluxo e sua corrente, logo, não remetem a possíveis flancos de uma disjunção do real, pois trata-se de uma relação com um “fluxo material contínuo”. A máquina precede à técnica porque constitui uma produção imanente engendrada por um sistema que supõe corte e fluxo, um campo de energia que funciona como uma “máquina a vapor”, ela atua como uma potência, um campo de força aberto, descentrado, de relação de força e captura de força. Portanto, não é no sentido metafórico ou meramente técnico que se concebe a máquina, ela se define “como qualquer sistema de cortes de fluxos” que não confunde com as limitações seja do mecanismo em seu funcionamento puramente técnico ou então às determinações do orgânico e sua unidade ou homogeneidade, pois “o maquinismo é uma coisa completamente diferente: é mais uma vez, qualquer sistema de corte de fluxo que supera simultaneamente o mecanismo da técnica e a organização do organismo, que seja na natureza, na sociedade ou no homem”<sup>11</sup>. Não configurando formas

---

<sup>10</sup> Cf. Mille Plateaux, p. 457. Cf. Simondon, *L'individu et sa gènese physico-biologique*, PUF, pp. 42-56. *Apud* DELEUZE/GUATTARI, 2009, 457.

<sup>11</sup> Cf. “Deleuze e Guattari explicam-se”, entrevista publicada na coletânea *A Ilha deserta*, p. 276.

binárias que se regulam por um sistema de unidades e oposições, esse maquinismo pressupõe um conjunto de conexões heterogêneas cujas peças e engrenagem implicam um processo de produção imanente e um sistema de corte e captura de fluxos, envolvendo máquinas sociais, máquinas técnicas, máquinas desejanter, e cuja derivação concerne aos processos de produção e às relações de produção capitalista, à composição entre os estratos de um mecanismo de incorporação e produção que resvala nos processos de subjetivação e organização social.

Notadamente, ao instituir no campo das relações o conceito de máquina, Deleuze e Guattari assinalam sua multiplicidade imanente e sua potência empírica. As máquinas só existem como pluralidade, como acoplamento e corte de fluxo num processo de maquinação conjunta com outras máquinas em que cada corte de fluxo implica uma relação mútua, uma permuta com outras máquinas que lhe corta, pois, uma máquina é sempre atravessada, cortada por outras máquinas continuamente.... De modo que o conceito de máquina define, como pontua Sauvagnargues “um agenciamento maquinico, social e histórico, agenciamento de enunciação e agenciamento de corpos, que concerne à operatividade e funcionamento social singular”. A máquina introduz na matéria um elemento prático, contingente, diferenciante, e funciona como conglomerados em níveis coexistentes e heterogêneos; se determina por um sistema de cortes de fluxos e acopamentos compondo o plano de efetuação social, “uma concepção social do indivíduo desejante, ‘maquinado’, não mais solitário [...] ‘máquina desejante’” (SAUVAGNARGUES, 2012, p. 38-39). As múltiplas máquinas e seus componentes, a saber: “componentes materiais e energéticos”, “componentes semióticos diagramáticos e algorítmicos”, “componentes sociais”, “componentes de órgão, de influxo, de humor do corpo humano”, “investimentos de ‘máquinas desejanter’”, “máquinas abstratas se instaurando transversalmente”<sup>12</sup>, representações mentais, produções subjetivas etc..., concernem a uma tipologia de máquinas, máquinas técnicas, máquinas de expressão, máquinas desejanter, máquinas abstratas e transversais que constituem um complexo de atualizações recíprocas e relações heterogêneas.

---

<sup>12</sup> Guattari afirma que o primeiro tipo de máquina são dispositivos materiais, que são fabricados, e distingue os componentes das máquinas em diversos campos: “componentes materiais e energéticos; componentes semióticos diagramáticos e algorítmicos (planos, fórmulas, equações, cálculos que participam da fabricação da máquina); componentes sociais, relativos à pesquisa, à formação, à organização do trabalho, à ergonomia, à circulação e à distribuição de bens e serviços produzidos; componentes de órgãos, de influxo, de humor do corpo humano; informações e representações mentais individuais e coletivas; investimentos de ‘máquinas desejanter’ produzindo uma subjetividade adjacente a esses componentes; máquinas abstratas se instaurando transversalmente aos níveis maquinicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais, anteriormente considerados” (GUATTARI, 1992, 46).

Mas como se efetua essa maquinação das máquinas, seu plano de consistência, o percurso dos investimentos das máquinas desejantes ao arranjo e transversalidade dos componentes em suas relações recíprocas e heterogêneas? O que entra em jogo é a dimensão do desejo como potência geradora dos processos de efetuação e funcionamento social, os modos de operação das máquinas e seus componentes aliada aos investimentos da máquina desejante promovida pela máquina social, que são “investimentos das máquinas desejantes produzindo uma subjetividade adjacente a esses componentes” (GUATTARI, 1992, 46). As máquinas desejantes demarcam as condições em que a máquina social atua na subjetivação de um indivíduo, um corpo, sendo o campo da produção desejante que se constitui pela codificação social dos fluxos, uma vez que os investimentos das máquinas desejantes produzem uma “subjetividade adjacente” moldando o consciente e o inconsciente. Nesse sentido, o inconsciente não designa uma dimensão abstrata, inerte, ou o plano de uma identidade secreta, pois ele é maquínico, inconsciente maquínico produzido em contextos sociais e historicamente definidos, a partir de agenciamentos sociais, determinado singularmente por um agenciamento social específico. Por outro lado, as máquinas desejantes intervêm nos agenciamentos coletivos, investindo na “subjetividade adjacente” a se constituir como um processo aberto, produto dos investimentos das máquinas desejantes, mas que não se efetua sem os agenciamentos maquínicos que são máquinas sociais. Desse ponto de vista, há um dinamismo que conecta a subjetividade às máquinas sociais, e como ressalta Sauvagnargues, é “esta relação aberta e dinâmica, tornada possível pelo modo de consistência dos agenciamentos maquínicos concretos, que se trate de máquinas sociais capitalísticas ou de outros agenciamentos sociais, explica porque as sociedades mudam” (SAUVAGNARGUES, 2012, p. 44). Há um dinamismo inerente a cada arranjo, um devir que atravessa os componentes e os conecta e que expõe assim as operações de um outro componente que não se refere às máquinas concretas, mas a um outro tipo, às máquinas abstratas. Guattari pontua que tratar-se-á de “máquinas abstratas se instaurando transversalmente aos níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais...”. A máquina abstrata ou máquinas abstratas são abstratas não no sentido usual ou no sentido especulativo, metafísico figurando como ideias abstratas transcendentais e universais; não são uma abstração, uma dimensão alheia ao real; elas atuam nos extratos, “no sentido de extrair. São montagens suscetíveis de pôr em relação todos os níveis heterogêneos que atravessam [...]. A máquina abstrata lhes é transversal”. Isso explica o caráter crucial das máquinas abstratas nesse processo, tendo em vista que ela “é o que lhes dará ou não uma existência, uma

eficiência, uma potência de auto-afirmação ontológica” (GUATTARI, 1992, p. 46-47). Disso resulta que as máquinas abstratas operam nos agenciamentos concretos e define-se “pelas pontas de descodificação e de desterritorialização”<sup>13</sup>, estabelecendo relações transversais entre os componentes, sejam eles sociais, desejantes etc..., que elas, as máquinas abstratas, desterritorializam, elas atuam na trama da desterritorialização, nos cortes, nos intervalos, conectando os pontos desterritorializados. Contudo, a máquina não é um agenciamento. Enquanto o agenciamento se constitui, primeiramente como territorial, um complexo de linhas que compõem uma territorialidade atravessada de modo concomitante por linhas de desterritorialização, as máquinas abstratas desconhecem formas e substâncias, que remetem à composição territorial, e consistem em matérias não formadas e funções não formais operando na descodificação e desterritorialização.

Portanto, as máquinas são técnicas, vivas, sociais, políticas, estéticas etc..., concernem a dimensões e desenvolvimentos que só se realizam em relação, em conexão, produzindo regimes semióticos, axiológicos, subjetivos..., e sendo assim, não se trata de matérias ideias, lógicas, inertes, universais. A máquina faz máquina com máquina e atua sobre máquinas desencadeando toda uma engenharia maquínica, um maquinismo que de modo algum pode ser comparável à mecânica; ela se define como maquínica porque as máquinas em jogo estão em relação de exterioridade, compõem forças que se conectam e se engendram continuamente manifestando novas potências. Uma vez que sofrem os efeitos do espaço e do tempo, as máquinas acabam por inserir no tempo o movimento e imprimir no acontecimento as leis da contingência, compondo um campo de energia e constituem um *phylum* análogo à evolução das espécies vivas, mas que não partem de um só ponto de origem, pois estão dispostos em rizoma (GUATTARI, ROLNIK 1993, p. 321). O *phylum* sinaliza a trama de conexões e sua irreduzibilidade frente ao orgânico e ao evolucionismo, pois tais conexões envolvem um complexo funcional que são agenciamentos de desejo, agenciamentos maquínicos, logo, o *phylum* designa a corrente de fluxos que emerge desse maquinismo revelando sua indissociabilidade em relação ao agenciamento enquanto campo de possíveis. Tratar-se-á de uma conjunção de sistemas

---

<sup>13</sup> E nesse processo, a máquina abstrata abre o agenciamento territorial para outra coisa, outros tipos de agenciamentos, moleculares, cósmicos, devires..., cf. *Mille Plateaux*, p. 637.

que compõem máquinas por “*recorrência e comunicação*”, por um “*phylum maquínico*”<sup>14</sup> que perpassa as relações num jogo de forças.

A máquina tem duas características ou potências: a potência do contínuo, o *phylum maquínico*, em que tal peça se conecta com uma outra, o cilindro e o pistão na máquina a vapor (...); mas também a potência de ruptura de direção, a mutação tal que cada máquina é corte absoluto em relação à que ela substitui, como o motor a gás em relação à máquina a vapor. Duas potências que compõem apenas uma, pois a própria máquina é corte-fluxo, sendo o corte sempre adjacente à continuidade de um fluxo que ela separa dos outros, dando-lhe um código, fazendo-o arrastar tais ou quais elementos. (DELEUZE/GUATTARI, 2010, p. 514-515).

Por conseguinte, há uma “ação seletiva dos agenciamentos sobre o *phylum*”, salientam Deleuze e Guattari, pois, os agenciamentos atuam sobre o *phylum*, e a “reação evolutiva” desse *phylum*, de modo que há um “fio subterrâneo” atravessando os agenciamentos sobre uma linha de fuga que deles se despreendem conduzindo-o até se espalhar. Segundo os autores, a explicação disso pode ser encontrada nas análises de Leroi-Gourhan, que demonstrou a existência de um “vitalismo tecnológico” cuja função consiste em “modelar” a “evolução técnica” de acordo com a “evolução biológica”, que, atuando como uma “*tendência universal* encarregada de todas as singularidades e traços de expressão, atravessa meios internos e técnicos que a refratam ou a diferenciam, segundo singularidades e traços retidos, selecionados, reunidos, tomados convergentes, inventados por cada um”<sup>15</sup>. Sobre a ideia de uma regulação em consonância com a esfera biológica, Sibertin-Blanc (2010), pontua que o que se determina consiste num “acoplamento *maquínico* onde o biológico e o mecânico perdem suas especificidades orgânicas e estrutural e entram numa zona de indiscernibilidade: aí o desejo procede” (SIBERTIN-BLANC, 2010, p. 37, grifo do autor).

Cada tipo de máquina contém um “poder singular de enunciação” que constitui sua “consistência enunciativa específica” (GUATTARI, 1993, 46), e como tal, se desliga da unidade totalizante do significante para expressar a contingência e suas mutações no campo de heterogêneos e transversais que perfazem os *agenciamentos coletivos de enunciação*. Ao definir a literatura de Kafka como uma “máquina de expressão”, Deleuze

---

<sup>14</sup> Cf. nota do tradutor, o termo *phylum* aplicado aqui revela-se como “indicador de conexões maquínicas irredutíveis a uma perspectiva evolucionista”, apesar de comumente ser associado a expedientes utilizados em classificações biológicas ligadas à evolução. NT, p. 510.

<sup>15</sup> Cf. Deleuze e Guattari, 1980, p. 507; cf. Leroi-Gourhan, *Milieu et techniques*, Albin Michel, pp. 356 ss; Gilbert Simondon analisou o problema das “origens absolutas de uma linhagem técnica”, ou da criação de uma “essência técnica”: *Du mode d'existence des objets techniques*, Aubier, pp. 41 ss. *Apud* MP, 507, nota 84.

e Guattari ressaltam que na trama kafkiana todas as pontas estão interligadas, pois só existe máquina técnica num agenciamento social sendo esta máquina, por sua vez, uma peça desse agenciamento, um agenciamento maquínico, e “o agenciamento maquínico de desejo também é um agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE/GUATTARI, 2003, p. 138), pois o enunciado está integrado à máquina, maquinando a fim de desfazer ou transformar o agenciamento ou ainda explodi-lo. A máquina é desejo, é conexão, e o desejo não cessa de maquinar, de operar sobre a máquina, de atuar nos seus ligamentos e junções, “de fazer máquina na máquina” estabelecendo uma nova engrenagem continuamente mediante suas conexões e sua “desmontagem” (Idem, p. 138). Sob esse aspecto, portanto, Kafka cria uma máquina literária de expressão que conjuga ao mesmo tempo todas as peças, as “engrenagens”, o “mecânico”, o “funcionário” e a “vítima”, e com efeito, vai mais adiante ao evidenciar a atividade da máquina como inerente aos elementos que compõem a máquina social, sem a qual a máquina não seria social, e “considerar que homens e mulheres fazem parte da máquina, não só no trabalho, mas também e de modo mais significativo nas suas atividades adjacentes, no repouso, nos amores, nos protestos, nas indignações” (Idem, p. 137).

Sendo a máquina social e coletiva, a instituição é um agenciamento molar que concentra grandes agenciamentos de máquinas (família, escola, igreja, comércio, banco, judiciário etc...), portanto, o agenciamento tanto é coletivo de enunciação como é também maquínico de corpos, de desejo, atravessado por máquinas coletivas e sociais, e promovem uma desterritorialização intensa no homem e na mulher de forma ampla, em grandes proporções, se desdobrando num agenciamento do tipo molecular. Uma máquina somente pode ser considerada “técnica enquanto máquina social, apanhando homens e mulheres nas suas engrenagens, ou melhor, tendo homens e mulheres nas suas engrenagens, mas tendo também coisas, estruturas, metais, matérias”, por sua vez, para que a máquina seja considerada social ela precisa expor os “elementos conexos” que compõe os quais *necessariamente* “fazem máquina”. (DELEUZE/GUATTARI, 2003, p. 137). As máquinas sociais, portanto, têm primazia em relação às máquinas técnicas. Como assevera Sauvagnargues (2012), as máquinas são primeiramente sociais antes de serem técnicas, e essa precedência se explica, primeiro, porque todo indivíduo técnico supõe máquinas sociais, mas também pelo fato de que “o conceito de máquina permite integrar a dimensão marxista de análise dos modos de produção reais às concepções estruturais do social, etnologia, sociologia ou em história”. Considerado sob essa perspectiva epistemológica, o conceito de « máquina » não propõe nada menos que uma

reforma das ciências sociais, segundo o método filosófico que abre as estruturas simbólicas ou lógicas sobre os modos reais de produção”, revelando a “operatividade do real” em cada situação (SAUVAGNARGUES, 2012, p. 38).

A relação humana com a máquina não é de contraposição ou dualismo, mas de composição tal como se revela na imagem *Dancer/Danger* de Man Ray. De acordo com Deleuze e Guattari a imagem de Man Ray expõe muito bem essa composição, porque ela exprime de forma mecânica o estado da máquina enquanto incapaz de se movimentar sem compor com outro corpo ou uma peça. O dançarino<sup>16</sup> de Man Ray é uma peça de máquina que só pode ser pensada em conexão; entre ele e a máquina há uma comunicação mútua, demonstrando “como o homem *compõe peça com*<sup>17</sup> a máquina, ou compõe peça com outra coisa para constituir uma máquina” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, 508). Não se trata de uma imagem metafórica da relação com a máquina, mas de uma experimentação *entre* dois; uma composição do homem com outra coisa, e essa coisa, esse outro elemento, que compõe com ele para constituir uma máquina sendo que esse outro elemento pode ser uma “ferramenta, um “animal”, ou “outros homens”. É um conjunto de coisas e peças que integram e regulam seu cotidiano, e o modo habitual como isso ocorre faz com que o homem possa compor máquina. Nesse sentido, “o conjunto homem-cavalo-arco forma uma máquina guerreira nômade nas condições da estepe. Os homens formam uma máquina de trabalho nas condições burocráticas dos grandes impérios”, e as peças que compõem cada conjunto convergem para um tipo específico de máquina a depender das condições em que isso se opera, do que as mobilizam e de sua regulação. “O soldado de infantaria grego compõe máquina com suas armas nas condições da falange. O dançarino compõe máquina com a pista nas condições perigosas do amor e da morte...” (Idem, 508-510). Vale ressaltar que não se pode situar a máquina num desenvolvimento antropomórfico apreendendo-a como um prolongamento ou projeção do vivente, que conduziria, conseqüentemente, ao seu desligamento gradual, uma separação da máquina dos elementos de sua composição, tendo em vista que tal operação “isola as forças produtivas das condições sociais do seu exercício, invoca uma dimensão homem-natureza comum a todas as formas sociais a que são atribuídas”. Compor peça com a máquina não configura também uma síntese, uma identidade ou dois polos perfazendo uma

---

<sup>16</sup> Não se trata de identificar o dançarino à máquina, mas cuja relação com a máquina torna-o parte, uma peça de máquina, sem a qual tal máquina não funcionaria, pois trata-se de uma máquina em composição com o dançarino: “eis a máquina de que o dançarino é uma peça”, cf. *O Anti-Édipo*, 508.

<sup>17</sup> Grifo dos autores.

ambivalência entre as peças e as coisas; a ferramenta e a máquina guardam uma “diferença de natureza”, definida por suas funções e interação, de modo que, uma atua como “agente de contato, a outra como fator de comunicação” (Idem, 511).

Deleuze e Guattari sustentam que a máquina é uma decorrência da ferramenta, não implica a mediação nem invocação de um organismo biológico humano como pressuposição e origem, a máquina encontra-se em relação a um corpo social, ela é máquina social, e o humano e a ferramenta compõem “peças de máquina sobre o corpo de uma certa sociedade”:

A máquina é, primeiramente, uma máquina social constituída por um corpo pleno como instância maquinizante, e pelos homens e ferramentas que são maquinados na medida em que estão distribuídos sobre esse corpo. Há, por exemplo, um corpo pleno da estepe que maquina homem-cavalo-arco, há um corpo pleno da cidade grega que maquina homens e armas, há um corpo pleno da fábrica que maquina os homens e as máquinas (DELEUZE/GUATTARI, 2010, p. 529).

Lewis Mumford associa a máquina ao campo social que define como uma “megamáquina”, semelhante ao instituído nos impérios arcaicos, para “designar a máquina social como entidade coletiva”, e a compara à definição de Reuleaux de “uma máquina como combinação de elementos sólidos, tendo cada um deles sua função especializada e funcionando sob controle humano para transmitir um movimento e executar um trabalho, então a máquina humana é certamente uma verdadeira máquina”<sup>18</sup>. Sob essa perspectiva, a máquina social atua como um “motor imóvel e executa diversos tipos de cortes: extração de fluxo, separação de cadeia, repartição de partes” (DELEUZE/GUATTARI, 2010, p. 188) como condições em vista das quais se opera a codificação dos fluxos. Disso resulta que os conjuntos e organizações sociais não se definem segundo determinações estáveis, mas por processos complexos de acoplamentos, engendramentos, corte e fluxo, que envolvem os estratos à processos maquínicos que arrasta todo o *socius*.

Notadamente, se em outras épocas percebe-se uma similitude da máquina em relação ao humano, com o capitalismo verifica-se um desvio, a máquina já não mais recai diretamente sobre o humano, mas sobre o coletivo. E como asseguram Deleuze e Guattari,

---

<sup>18</sup> Mumford, "La première mégamachine", *Diogène*, jul. 1966, Cf. [NT: Franz Reuleaux (1829-1905)], *Apud* DELEUZE/GUATTARI, 2010, p. 188. De acordo com Sauvagnargues, “Selon la définition cinématique de Reuleaux, directeur de l’Académie industrielle de Berlin, auteur en 1875 de Cinématique. Principes fondamentaux d’une théorie générale des machines, tr. fr., 1877”, *In* SAUVAGNARGUES, “Machines, comment ça marche”, *Chimères*, 2012/2 N° 77, p. 36, nota 1.

a “originalidade do capitalismo” consiste no fato de que “nele, a máquina social tem por peças as máquinas técnicas como capital constate enganchado no corpo pleno do *socius*” (DELEUZE/GUATTARI, 2010, p. 333), e não mais sobre homens e mulheres. A máquina social se compõe de peças que são máquinas técnicas entrelaçadas ao corpo pleno do *socius*, mas o “agenciamento maquínico e coletivo” guarda uma preeminência em relação ao componente técnico, pois é o agenciamento que conecta e organiza as peças e as ferramentas”<sup>19</sup>. O capitalismo multiplica as máquinas criando um sistema maquínico de agenciamento coletivo, moldando uma rede de ligações e engendramentos. No caso das “máquinas capitalísticas” essa condição é elevada à máxima potência em escalara global, constituindo uma grande proliferação de sistemas “maquinismos de base”: “máquinas de Estado urbano, depois real, máquinas comerciais, bancárias, máquinas de navegação, máquinas religiosas monoteístas, máquinas musicais e plásticas desterritorializadas, máquinas científicas e técnicas etc...” (GUATTARI, 1992, p. 53)

Se o capitalismo restituiu a “megamáquina”, tal como concebeu Mumford, o *Urstaat*, ele o fez dando-lhe novos contornos, novas ferramentas e novas forças. Para Deleuze e Guattari esses novos contornos evocam a virada capitalística e sua maquinaria de produção em larga escala atuando sobre o corpo pleno da terra: produção do desejo, produção do sujeito, produção de servidão, produção de assujeitamento, produção de produção... Esse processo de produção envolve uma “servidão maquínica” e uma “sujeição social” de características também maquínica. Há uma “servidão maquínica” quando os indivíduos são peças de uma máquina que se compõe de todas as formas, “entre si”, com objetos, com ferramentas, com animais..., ele é então “submetido *pela* máquina”, em que homem e máquina congregam um mesmo conjunto de peças que se interligam, um “dispositivo « homens-máquinas »”<sup>20</sup> como peças do processo de produção. O capitalismo contemporâneo radicaliza essa relação homem-máquina instituindo uma “sujeição social” de maneira que os indivíduos deixam de ser um “componente da máquina” que lhe é exterior, para ser um “sujeitado *à* máquina”, “trabalhador”, “usuário”, operário..., uma condição de assujeitamento irreversível em relação às máquinas. Desse

---

<sup>19</sup> Essa prevalência do agenciamento se constata na guerra, nas ferramentas e nas armas que promovem a guerra, pois ferramentas e armas são meramente uma “consequência” da organização do combate, e um exemplo disso é que “as armas ‘hoplíticas’ só existem graças à falange como mutação da máquina de guerra: a única arma nova naquele momento, o escudo de dois punhos, é criado por esse agenciamento; quanto às demais armas, elas preexistiam, mas tomadas em outras combinações, onde não possuíam a mesma função, a mesma natureza”. Marcel Détiene, “La phalange, problèmes et controverses”, in *Problèmes de la guerre en Grèce ancienne*, Mouton: “A técnica é de algum modo interior ao social e ao mental”, p. 1.54. *Apud*, DELEUZE/GUATTARI, 2009, p. 496.

<sup>20</sup> Lazzarato, 2014, p. 42.

ponto de vista, o capital atua como “ponto de subjetivação, constituindo todos os homens em sujeitos”, sendo os “capitalista” os “sujeitos da enunciação”, detentores do capital, ao passo que os “proletários” são os “sujeitos do enunciado, sujeitados às máquinas técnicas” do capital. (DELEUZE/GUATTARI, 2009, p. 571).

Sobre isso, Lazzarato (2012) ressalta que à medida que o indivíduo é situado como “máquina de sujeição” o que se revela é um “paroxismo” em que, de um lado, o sujeito mobiliza “recursos ‘imateriais’”, “afetivos” etc..., e os usa como investimento em suas ações, mas também, por outro lado, “as técnicas do « capital humano » conduzem à identificação da individualização e da exploração” (LAZZARATO, 2012, pp. 43-44)<sup>21</sup>. No capitalismo contemporâneo a sujeito ganha grandes proporções porque somos sujeitados em grau máximo em todas as esferas da vida, a todo tipo de máquina, no lazer (televisão, os fios da TV e suas conexões, vídeo etc...), nos afazeres domésticos etc..., em todas as circunstâncias cotidianamente; um sistema maquínico que regula nossas vidas, conexões que se multiplicam, agenciamentos que se agenciam com outros agenciamentos...., Sob esse ponto de vista, a produção capitalista é “uma rede de agenciamentos ou processos (a empresa, o sócio, o cultural, o tecnológico, o político, o gênero, as comunicações, a ciência, o consumo)” que se articulam mutuamente num “agenciamento de agenciamento” (LAZZARATO, 2014, p. 45), de forma que o indivíduo passa a ser uma peça da máquina, uma engrenagem, ele se torna um componente do sistema maquínico.

Como podemos concluir, ao conjugar a máquina aos modos de produção, às forças produtivas e aos processos de produção social, Deleuze e Guattari restituem a interpretação marxista da inserção da produção na vida social, tendo em vista que Marx compreendeu a contingência radical da constituição do capitalismo e as condições de uma reversão materialista vinculada às forças produtivas e às relações de produção. As máquinas só podem ser pensadas num agenciamento, como o que conecta tudo, objetos, animais, e todos os humanos, homens e mulheres, um complexo de agenciamentos heterogêneos e transversais. Todavia o agenciamento não designa meramente a ligação entre tudo e todos, pois o agenciamento é desejo, é agenciamento de desejo que circula como *possíveis* e *virtuais* entre as correntes de fluxo constituindo um regime de produção maquínica ao qual estamos inseridos; nos tornamos integrados à máquina e ao seu sistema

---

<sup>21</sup> Lazzarato, M. *O governo das desigualdades - Crítica da insegurança neoliberal*, p. 43-44.

maquínico, ao seu funcionamento e assim, se a máquina “funciona” nós “funcionamos” como máquinas, eis portanto a produção maquínica desejante sendo o próprio desejo, é preciso ressaltar, desejo maquinado.

### **Referências bibliográficas**

DELEUZE, G. *Empirisme et subjectivité*. Paris: PUF, 1953.

\_\_\_\_\_. *Instincts et institutions*, Paris, Hachette, 1955.

\_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. *A Ilha deserta e outros textos*. (Org. David Lapoujade). Org. edição brasileira e revisão de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G. / GUATTARI, F. *Mille Plateaux: capitalismo et schizofrénie 2*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1980.

\_\_\_\_\_. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DOSSE, F. *Gilles Deleuze et Félix Guattari: Biographie Croisée*. Paris: Éd. La Découverte, 2007.

GUATTARI, F. *Chaosmose*. Ed. Bras.: São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Psychanalyse et transversalité: Essais d'analyse institutionnelle*. Paris: La Découverte, 2003.

GUATTARI, F. / ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

LAZZARATO, M. *O governo das desigualdades - Crítica da insegurança neoliberal*, São Carlos-SP: EdUFSCar, 2012.

\_\_\_\_\_. *O. Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo/ N-1 edições, 2014.

SAUVAGNARGUES, A. Machines, comment ça marche, *Chimères*, 2012/2 N° 77, P. 35-46. (<https://www.cairn.info/revue-chimeres-2012-2-page-35.htm>. Acesso em 28/9/2019).

*Zamara Araujo dos Santos*

SIBERTIN-BLANC, G. *Deleuze et l'Anti-Oedipe: la production du désir*. Paris: Puf, 2010.

*Recebido em 03/08/2020*

*Aprovado em 09/11/2020*